

CAPÍTULO II

A magia e a astrologia dos caldeus, dos persas e dos egípcios

As tradições históricas de acordo com os monumentos nos apresentam a região que banham o Tigre e o Eufrates como um dos pontos do globo onde a civilização floresceu mais remotamente. Os impérios de Ninive e da Babilônia tinham já chegado a um alto grau de poder e de prosperidade, enquanto que mais de três quartos do universo continuavam mergulhados na bárbarie primitiva. A religião se manifestou pois mais cedo, entre os assírios, do grosseiro fetichismo que havia sido o primeiro invólucro, para se revestir de uma forma mais racional e mais sistemática; ela se associou a opiniões cosmológicas e deu assim nascimento a uma verdadeira teologia. Na Ásia, a serenidade do firmamento e a majestade dos fenômenos celestes suscitaram até que enfim a observação e sacudiram a imaginação. Os assírios viram nos astros o traslado de divindades⁴² as quais emprestavam influências benéficas ou malélicas, influências que eles tinham realmente podido constatar pelo sol e a lua. A adoração dos corpos celestes era, também, a religião das populações pastoris vindas das montanhas do Kurdistan para as planícies de

42 — Plutarco, *De Is. et Osirid.*, § 48.

Babilônia. Esses **kasdim** ou caldeus⁴³ acabaram por constituir uma casta sacerdotal e sábia que se consagrou à observação do céu, tendo em vista penetrar mais no conhecimento dos deuses. Eles se restringiam a uma contemplação diária do firmamento e descobriram assim algumas das leis que o regiam. Assim sendo, os templos se tornaram verdadeiros observatórios: assim era a célebre torre de Babilônia, monumento consagrado aos sete planetas, e cuja lembrança foi perpetuada por uma das mais antigas tradições que nos conservaram: a **Gênese**.⁴⁴

Uma longa perseverança de observações pôs os caldeus de posse de uma astronomia teológica, apoiada numa teoria mais ou menos quimérica da influência dos corpos celestes aplicada aos acontecimentos e aos indivíduos. Essa ciência, chamada pelos gregos **astrologia** ou **apotelesmática**,⁴⁵ foi, na antigüidade, o título de glória dos caldeus.⁴⁶

Não tenho a intenção de entrar nos detalhes de uma doutrina para todo o sempre abandonada. O espírito não se decidiria facilmente a estudar regras complicadas cuja fragilidade é hoje demonstrada. Ademais não conhecemos senão imperfeitamente essa astrologia caldeia, que sofreu com o tempo muitas modificações, e da qual não se poderia mais aproveitar senão fragmentos.

43 — Muito se tem discutido para se saber o que eram na realidade os caldeus, e se é preciso distingui-los dos assírios de Babilônia. Diodore de Sicile (II, 29) designa os caldeus como os mais antigos dos babilônios (**Khaldaioi toinum tôn arkaiotatôn antes Babuloniôn**). A Babilônia não fazia parte no princípio da Assíria, que compreendia Ninive, Kalah e Rehoboth-Ir. (**Gênese**, X, 11). A Babilônia ou país de Chinar, povoado primeiramente por cuschitas, parece ter sido invadida em seguida pelos **kasdim**, que espalharam seu nome pelo país e aí adotaram o sabeísmo astrológico, o qual datava já verossimilmente da organização cuschita. Ver E. Renan, **História geral e sistema comparado das línguas semíticas**, tomo I, segunda edição, p. 58-67.

44 — É a torre dita de Babel, ou antes a torre de Babilônia (**Gênese**, XI, 4).

45 — é **apotelesmatikê tekhnê**, isto é, a ciência das influências (**apotelesmata**). Cf. Diogen. Laert., III, 49; Sext. Empiric, **Adv. Math.**, § 39; S. Efrain, **Oper.**, tomo II, p. 448 e seguinte.

46 — Isaías, XLVII, 13; Cicer. **De Divinat.**, I, 1; Clem. Alex., **Stromat.**, I, p. 361; Cedrenus, **Chronogr.**, p. 41; Apul., **Florid.**, II, 15; Salpic. Sever., **Sacr. Hist.**, II, 3.